

# SANTOS

## CAPÍTULO VINTE E CINCO

Estavam a ter uma conversa agradável, daquelas que já não tinham há algum tempo. O cunhado de Cláudia Santos andava de um lado para o outro, no apartamento, que tinham arranjado na caravela construída por Pedro Belmonte. Luís Pimenta estava sentado no sofá. Afinal de contas, e aparentemente, o triunfo do espaço na caravela tinha sido obra sua. Cláudia também estava na sala, olhava para o seu Luís. Os dois eram bastante cúmplices. Ela estava diferente. Tinha pintado o seu cabelo com nuances de caju. Os seus olhos pintados, ao rebordo, davam-lhe um aspeto mais pesado. Também tinha um pequeno retoque nas sombras dos olhos e um alongamento das pestanas. Cláudia sentou-se entre os dois. O seu cunhado olhou para ela e calou-se.

– Podem continuar a falar! – disse Cláudia, que não gostou do silêncio repentino do cunhado.

O cunhado retomou a conversa.

Por uma porta lateral entrou um empregado conhecido, tanto de Luís Pimenta como de Cláudia Santos. O empregado trazia uma bandeja com várias bebidas e aperitivos. Cláudia levantou-se. Parecia feliz por ver as mini *pizzas*. O petisco expelia um aroma agradável a mozzarella, tomate e uma pitada de orégãos para dar sabor.

Cláudia aproximou-se do empregado, que trazia um

bigode recortado a pente. O seu cabelo, negro como o carvão, estava lambido em óleo. Cláudia disse:

– Obrigado João... – o empregado sorriu e Cláudia acrescentou: – É verdade, desde a reunião que tivemos, ainda em Portugal, com o Pedro Belmonte... – ele olhou sério. – Sabe... aquela onde você foi com o António Dias...

Luís levantou-se, deixando de lado a conversa que estava a ter, para se aproximar da Cláudia. Agarrou-a por detrás pondo a sua mão sobre o ombro despido da menina. Ela olhou para ele. Rapidamente foi de encontro da face dele. Não conseguiu acabar a frase e o seu raciocínio estagnou. João livrou-se do inquérito e Luís deteve-a.

– Deixa o João... – João olhava sisudo para o Luís. Era como se ele lhe devesse algo.

Cláudia parecia não estar a perceber o porquê daquelas trocas de olhares. Luís acrescentou:

– O António Dias teve um grave problema de saúde... por isso é que não veio na viagem.

Cláudia sabia dessa informação. Já há dois anos que viajavam e a história era sempre a mesma. *Tudo muito ambíguo, incongruente e sem fundo...* pensou Cláudia, que queria saber de que António tinha padecido.

Para parecer cordial, naquele momento, Cláudia pediu desculpas ao João e voltou para junto do cunhado com duas fantásticas mini *pizzas*. Luís agarrou num copo de champanhe que continha vinho espumante, onde a espuma ainda escorria pela garrafa acabada de ser aberta. Quando agarrou no copo, sorriu para o empregado. Os dois trocaram olhares.

– O que querem beber?

O cunhado de Cláudia pediu um *whisky* velho e Cláudia pediu uma gasosa com sabor a maracujá, para acompanhar com os aperitivos.

*A viagem de loucos tinha-se iniciado já há algum tempo. O momento mais assustador, de toda a viagem, foi na partida. Na saída do Porto, assim como de Lisboa ou de Sines.*

*Quando a caravela do Norte saiu do leito do Douro, deixando para trás um Porto triste e cinzento. As pessoas maravilharam-se com o azul que ia para lá do horizonte.*

*A caravela voou como por magia. Deixou para trás uma terra encoberta e sem esperança. O céu tinha tonalidades vivas, num azul único. Nunca ninguém tinha visto um céu tão aberto e cheio de vida.*

*Cláudia, nesse momento, estava agarrada ao Luís. O casal estava junto à proa da caravela, perto do elevador do terceiro mastro, onde as velas içadas balouçavam com a força do vento. Vislumbravam a cor e a magnificência daquele céu. No firmamento a esperança estendia-se, a luz do sol brilhava em todo o seu esplendor.*

*Todas as pessoas estavam eufóricas com o espetro de luz e cor que viam. Todas gritavam, num histerismo desconcertante. Pareciam ter deixado de lado toda a mágoa que acarretaram em Portugal. Novamente os portugueses partiam numa descoberta de um mundo desconhecido. Ninguém sabia se do outro lado iriam encontrar seres de outras galáxias ou monstros surreais criados em lendas.*

*Apesar de não serem um casal, Cláudia e Luís já se comportavam como tal. Cláudia sentia uma ligeira atração por Luís e ele parecia corresponder a essa atração. Por outro lado, havia João, que criava em Cláudia uma estranheza sem explicação.*

*Cláudia, receosa de entrar no espaço, questionou o amado acerca de que tipo de seres poderiam vir a encontrar. Luís sorriu acariciando a face suave, que ela tinha. Responden-lhe amavelmente para a deixar despreocupada, dando-lhe a resposta máxica: «Deus criou um universo magnânimo e os seres mais poderosos somos nós. Nós somos filhos d'Ele!».*

*Naquelas embarcações muitos acreditavam que no espaço poderiam existir todo o tipo de monstros que Deus, como criador, criou por engano na altura da criação. Em geral, acreditavam que: para Deus não sujar o Planeta Terra com seres defeituosos,*

*Ele optou por pôr essas criaturas em outros planetas. No fundo os outros planetas seriam o lixo da boa Obra que foi a terra. . .*

*Era normal haver sempre um medo consciente criado pelas lendas do ocultismo, ou em outras lendas baseadas em crenças da idade clássica. Alguns dos mais amedrontados eram as crianças, por culpa da população de camada mais madura, que lhes contavam os horrores inventados, dos monstros que iriam encontrar. Assim, como na altura dos descobrimentos portugueses, eles acreditavam em fantasmas e em monstros baseados na antiga mitologia. No presente, os portugueses que estavam a viajar acreditavam em extraterrestres, mas sempre tendo por base as mitologias e os mitos populares.*

*Depois do maravilhoso céu azul, logo surgiu um outro céu com tonalidades mais carregadas. As estrelas começaram a cintilar num recheio de luz nunca antes visto.*

*Os viajantes olhavam abismados para todo aquele espetáculo. Os sons emitidos eram de espanto. Contemplavam aquele cosmos maravilhoso, que acabou rápido. Foi de tal forma estranho que ainda muitos perguntam o que se passou. Em segundos tudo desapareceu. Surgiu o princípio ponto a cintilar, cintilava fortemente. Depois a tonalidade do céu foi alcançando um tom azul-escuro, e por fim para um negro recheado de estrelas, onde uma lua gigante sorria ao lado das embarcações.*

*As três caravelas surgiam, juntando-se entre elas uma quarta caravela que navegava à deriva. Trazia uma bandeira expressiva e eclesiástica. Cinco segundos depois, algo mais estranho aconteceu. O espaço mudava novamente. As pessoas começavam a ficar assustadas. Algumas fugiram pelos elevadores dos três mastros, que ligavam ao interior do barco. Ninguém antevia o que se estava a passar. A voz de Pedro fazia-se ouvir por todos os lados. Muitas das pessoas conseguiam ouvir o capitão das embarcações: «Agradeço que voltem para dentro da caravela. . .», o pedido era uma gravação, repetia vezes sem conta. A voz de Pedro trazia calma, mas o que as pessoas avistaram ao convés foi algo pavoroso, que amedrontou a todos.*

*Ordenadamente todas as pessoas voltaram para o interior das caravelas. As quatro caravelas começaram a sentir fortes atribulações. Todos gritavam com medo que aquele fosse o fim prematuro das embarcações.*

*O espaço ficou negro como breu. Sem sol e sem constelações, sem planetas, satélites e cometas; tudo negro, escuro, sem vestígio de luz...*

Cláudia antecipou-se, foi buscar a bebida que o Luís tinha pedido. Agarrou no copo com subtileza e depois, aproximou-se novamente do empregado para ir buscar mais quatro mini *pizzas*. Luís recebeu o seu *whisky* dado pela menina Cláudia. Ela estava sorridente. Aproximou-se de Luís, questionando-o se tinha falado com o jovem Belmonte, por causa do incidente do início da viagem. Ela parecia querer saber se estava tudo bem, ao mesmo tempo que fazia conversa de ocasião.

– Temos que ter a certeza que está tudo bem! – afirmou Cláudia a modos de raspanete: – Esta viagem tem que ser mais importante do que os descobrimentos!

O cunhado sorriu.

– A sua irmã? – questionou Luís, que parecia estar farto do tema – Devia tomar conta dela...

– Até parece que a Edna é assim tão... – Cláudia levantou-se e preferiu não acabar a frase.

Já tinha comido as quatro *pizzas* e parecia querer mais. Luís observava-a, sem lhe dizer nada. Tirou outras quatro mini *pizzas*. *Ainda vou ficar gorda com isto*, pensou por momentos. A tentação falava mais alto, salivava-se de terror, *isto tem um aroma expandido! Oh carago, que importa! Ainda por cima estamos em viagem..., mas tenho que começar a controlar-me. Não posso abusar!*

– Bem, vou para o meu escritório... – disse Luís, que se levantou da cadeira e olhou para a Cláudia. – Não devia

comer assim tanto! – Alertou-a.

Ela olhou para ele de boca cheia, não parecia ter ficado satisfeita com o comentário. Luís trocou olhares com o cunhado de Cláudia e disse:

– Depois se quiseres bate ali à porta... para podermos continuar a nossa conversa.

– Sobre desporto? – interrompeu Cláudia – Vocês só falam de desporto! Então e a política, caiu no esquecimento desde que saímos de Portugal?!

– A política ficou com o Vasco! – afirmou Luís, num tom de sátira – Com esse menino... o *Vasquinho*...

– Mas conte-me lá o que vai fazer para o seu escritório assim tão apressado?

– Vou falar com o Belmonte... – respondeu – não foi isso que pediu!?

– Não precisa ficar assim comigo. – Rezingou Cláudia – Acha que eu quero saber mesmo o porquê da atribulação que aconteceu há uns três anos? Acha que eu quero saber o porque de ser quatro caravelas e não três? – Cláudia começava a exaltar-se. – Eu nem quero saber... só acho que devia ser mais participativo na suposta sociedade que estamos a formar. Não se esqueça que desde que estamos em viagem, você raramente fala com o Pedro! Não se esqueça que toda a população das três caravelas, pelo menos, veneram-no!

Luís tinha de admitir: Cláudia tinha razão. Ele sabia, mas não queria admitir.

Acabou por sair da sala, deixando os outros dois a conversar sobre a Edna. O empregado, ainda com a bandeja na mão, ficou a olhar para Luís. Parecia estar na expectativa de algo. Luís mirou-o de esguelha e acabou por lhe dar as costas, seguindo caminho até ao escritório pessoal. O empregado também saiu da sala.

Já estava confortável no seu escritório quando alguém bateu à porta e entrou. Luís queria poder estar sozinho.

Preferia falar com o Pedro a sós do que com alguém na sala.

– Mas eu... – deteve-se quando viu que era o seu empregado. – Oh João, eu disse...

– Eu também não vou ficar aqui muito tempo... – respondeu – só te quero relembrar que já se passou muito tempo desde a tua promessa!

– Tem paciência... por favor... – Luís sentia-se com os papéis invertidos – por favor João... peço-te!

João não parecia ter ficado muito feliz com o pedido, mas aceitou. Acabou por sair do escritório. Luís estava sozinho, finalmente podia fazer a comunicação ao Pedro Belmonte.

– *Sim...*

– Olá Pedro, tudo bem? – respondeu Luís, que rapidamente recebeu resposta afirmativa – Estou a contactar-te para perguntar o que se passou?

– *Como assim?*

– Oh, Pedro... então, com as caravelas!

Ouviu-se algo do outro lado, que Luís não conseguiu perceber o que era.

– *Não se passou nada!* – respondeu – *Entramos num espaço diferente...*

– Num espaço diferente?

– *Sim...* – começou a ouvir com alguma dificuldade – *É normal! Luís fique descansado. Não se passa nada de mal. Está tudo bem! E a viagem ainda está longe de terminar.*

– Então, mas não sabes quanto tempo demoramos?

– *Quem sabe um ano, quem sabe dois anos... no espaço é relativo. Nós estamos a começar a conhecer um novo mundo. Os nossos antepassados não descobriram o caminho marítimo para a Índia em dois dias!*

Luís não sabia o que dizer, mesmo assim Pedro tentou continuar com a sua explicação:

– *Como deve calcular, no espaço existem várias formas de se*

*navegar. No nosso caso acabamos por entrar num núcleo de tempo, que eu já tinha estudado e que nos vai levar a um lugar melhor de onde partimos.*

Luís sorriu, apesar de saudosista ele não tinha vontade nenhuma de voltar a ver o Porto.

– Não é muito complicado estar num lugar melhor que Portugal.

– *Sabe que tudo é construído por pessoas... e por vezes basta numa embarcação trazer um rato para surgir a peste e a doença.*

Luís não percebeu o que Pedro queria dizer com aquela frase. Pedro continuou:

– *..., mas não tenha problemas com isso, eu tomei as devidas providências para fazer a desinfestação nas minhas caravelas.*

– Pronto... – disse Luís, que começava a não perceber a conversa de Pedro Belmonte. – Pelo menos garantem-me que está tudo bem... certo?

– *Correto... fique descansado. Tudo está em conformidade.* – Do outro lado ouvia-se a respiração de Pedro, assim como o ruído de varias máquinas. – *Tal e qual como eu idealizei. Fique descansado!*

Acabaram por se despedir e desligaram a comunicação.



Mais tarde, Luís abriu a porta do escritório. Ia em direção à sala, quando ouviu a voz da avó da Cláudia. *Como*



*odeio aquela velha*, pensou hesitando em entrar na sala. Encarar a dona Gisela era algo que Luís não suportava. Já no Porto, na Maia, quando a conheceu, o temperamento da velha era bicudo. Naqueles tempos, Luís lembra-se da forma rude como Gisela, a velha, se tinha apresentado. Apesar de toda a apresentação estudada, o pior veio logo depois, quando Cláudia disse que estava a namorar com Luís. A brusquidão de Gisela atenuou o mau estar entre os dois, pois Gisela não esperava que Luís pudesse vir a ser um suposto pretendente para a sua neta preferida.

Resistindo à angústia de encarar a velha, Luís com esforço. Abriu a porta. Tentou tomar consciência que talvez iria iniciar uma discussão com a senhora.

Gisela estava sentada numa cadeira. Tinha as pernas cruzadas, onde as varizes e peles eram iluminadas além da saia, que só lhe tapava um terço da perna. Os seus cabelos mostravam a raiz branca. A sua roupa de senhora, de vinte anos, assentava-lhe mal, num corpo que aparentava caminhar para os oitenta. Gisela tem-se tornado numa pessoa desmazelada desde o início da viagem na caravela.

Cláudia estava debruçada de frente para a avó. A sua irmã, Edna, estava sentada sobre o sofá. Parecia estar cansada. Ao que tudo indicava, ela e a avó tinham feito uma longa caminhada até à zona comercial da Caravela do Norte.

– Isto não é uma caravela... – disse Edna. – Isto é um verdadeiro cruzeiro de luxo! Aqui há de tudo, piscina, bares, discotecas, até casas de putas!

– Edna olha a língua!

– Desculpe *vó*... – disse Edna, que acabou por se levantar quando reparou que Luís tinha chegado à sala. – Olá senhor Luís... como tem passado? – cumprimentou-o com dois beijos e de forma espalhafatosa, para que a sua avó o olhasse. – A Cláudia está aqui!

Cláudia olhou para trás para poder ver o Luís, que

finalmente voltava do escritório. Aprontou-se para ir até junto dele. Luís afagou-lhe a cara, com as mãos emoldurando-a e disse:

– Já falei com Belmonte, está tudo bem... Não há razão para te preocupares com nada. Tudo está controlado e ele sabe o que está a fazer.

– Só podia... deixa-me de dar atenção por causa do traste. – Resmungou a avó Gisela, que não parecia ter ficado feliz com a reação da sua neta. – Quer dizer... a minha neta, que nunca me desamparou, deixa-me desta forma. Anda-lhe a fazer a cabeça!

Cláudia sorriu constrangida para o Luís. *Tenho que voltar para junto da avó*, pensou sobre um rasto de culpa. *Não a posso deixar, principalmente depois de tudo aquilo que ela passou*. Aproximou-se novamente da avó Gisela, que olhou com rancor para Luís. Era um olhar a que ele já estava habituado.

*Na Maia, a família Santos morava numa luxuosa moradia junto a um pequeno prédio de quatro andares. A moradia era uma das mais altas, em comparação com as restantes da zona. Nela destacava-se a sua fachada torrada em tons amarelados, que nos dias de sol se tornavam amorfos.*

*Durante anos, Gisela foi mãe, foi avó e até mesmo madrastra. Cláudia e Edna nasceram num dia triste, com todas as atribulações que o país atravessava nos seus momentos de sufoco já habitual. Naquele tempo, não era só a política e a economia que fustigavam Portugal. O tempo também era um dos principais culpados. Chuva atrás de chuva, e o sol sempre encoberto por detrás de nuvens escuras e densas. Dessa forma, o tempo deixava um aroma de depressão por toda a população da região Norte.*

*Tanto a história de Edna como a de Cláudia tinham contornos tristes e de grande tormento. Gisela sabia que a sua filha só pensava nas lutas contra o poder dos políticos corruptos. Foi numa dessas lutas que a mãe das raparigas acabou por deixar as meninas*

*desamparadas à deriva junto da avó Gisela.*

*Numa tarde de agosto, Daniela, filha de Gisela e mãe de Edna e Cláudia, saiu de casa rumo a Lisboa. Nesse dia, na capital, iria realizar-se mais uma grande manifestação de esquerda contra qualquer coisa relacionada com o governo. Os manifestantes pediam ainda mais governo e mais poder no controlo, sobre a vida de toda a população.*

*Gisela tanto pediu à filha para não ir, mas a casmurra da filha quis ir contra a vontade da mãe. Ela quis mostrar a sua rebeldia além-fronteiras. Antes da viagem, mãe e filha discutiram como nunca. Praguejaram sentenças de morte uma à outra. Gisela acabou por dizer o que não queria, amaldiçoou a filha e tudo o que ela disse acabou por acontecer.*

*Daniela partiu da estação de Campanhã num comboio com destino a Lisboa. Foi numa amável viagem de comboio. O serviço era cada vez mais caro e não acompanhava a qualidade. Daniela ia com os seus camaradas. Uns traziam cartazes que pediam mais estado e outros tinham dizeres tristonhos onde pediam serviços para tudo o que era preciso. Todos, dentro do comboio, cantavam músicas da Terceira República, dos tempos da revolução de abril. Pediam por uma nova revolução, que cada vez mais tendia ser vermelha. Todos pareciam desejar viver na antiga União Soviética.*

*De comboio, a viagem durou uma hora e meia. Quando lá chegam, à estação Oriente, saíram aos gritos pelas portas do comboio. Quem os visse, às macacadas, apercebia-se que eram manifestantes. Muitos deles já estavam preparados. Traziam paus e pedras, armas de luta coordenadas pelos cabecilhas do poder vermelho.*

*Daniela estava no meio deles. Ela também queria ter mais estado e mais regalias. Queria poder comer sem se preocupar.*

*Todos os manifestantes seguiram para o parlamento.*

*O parlamento continuava robusto. Era a única coisa que reluzia em comparação com toda a cidade de Lisboa. Toda a capital estava velha e cansada, mas o parlamento destacava-se pela sua beleza incondicional. Para além da grandeza, que cada vez mais*

*mostrava destaque e luxo, que mais nenhum país da europa tinha. A única coisa que Portugal se podia gabar era do seu grande parlamento. Lá fora, ele era conhecido como o maior parlamento e o mais luxuoso de todos. Não havia uma casa tão grande como aquela. Desde o século XXI, até aos dias do presente, o parlamento duplicou os deputados e triplicou em tamanho. A dada altura no tempo, começou-se a demolir algumas casas para que o parlamento Português pudesse crescer como gente grande. A rua de São Bento já começava a ser pequena para tremendo monstro que só engordava.*

*A manifestação daquela noite correu de forma diferente. A polícia fez um cordão em volta do grande palacete governativo. O cenário de batalha estava montado e só faltava atacar.*

*Graças aos avanços tecnológicos não era preciso tocar com os cassetetes na multidão. Bastava apenas encostar o escudo sobre as pessoas para que elas levassem uma sobrecarga elétrica intensa que as deixava caídas no chão. Para algumas pessoas eram apenas choques, mas para quem sofria de epilepsia ou de problemas de circulação, o problema do choque podia ser fatal.*

*Todos os policiais esperavam impacientes, como os hooligans esperavam pelo jogo. Nas estátuas, os manifestantes amontoavam-se. Encavalitavam-se uns sobre os outros e alguns estavam mascarados, esses lançavam cocktails molotov para o chão, que explodiam propagando as suas chamas num longo perímetro.*

*No meio dos marxistas, trotskistas e de alguns socialistas, foi hasteada a bandeira do anarquismo. Apesar de anarquistas, eles sabiam que uma das teorias do anarquismo seria implantar o comunismo para educar a população a um futuro anarquismo. Todos lutavam por dois pontos; mais estado e menos sector privado. Mas naquele tempo, assim como em outros, o problema de Portugal estava nesse ponto. Ao passar dos anos o público e o privado misturaram-se e tornaram-se num só. Esse era um fenómeno que teve início em Portugal e suscitou estudo por parte de investigadores de outros países da europa. Maior parte dos mestres e doutores não conseguiam acreditar como é que um país tão pequeno ainda conseguia subsistir ao longo de tantos anos.*

*De um momento para o outro, naquela manifestação, as pedras começaram a saltar das mãos dos manifestantes. No núcleo da manifestação estava Daniela que gritava histérica e chamava “filhos da puta” às mães de quase todos os deputados, exceto à dos vermelhos. Entre os manifestantes hasteava-se a bandeira comunista. Queimavam-se bandeiras do capitalismo, e misturava-se incongruentemente o termo e alcunha: neoliberal, com o capitalismo. Como se os dois fossem equiparáveis nas mesmas ideologias.*

*Mas depois, tudo aconteceu foi muito rápido e ninguém percebeu:*

*Os polícias começaram a descer as escadas que davam acesso ao parlamento. A multidão começou a fugir sem saber o que fazer. Uns pisavam outros. Como em Lisboa tudo é muito apertado, para além de ser tudo tão sombrio, alguns dos manifestantes acabaram por atropelar-se.*

*A polícia nem teve que agir. Bastou ameaçar para que todos comessem a fugir com medo daquilo que podia acontecer.*

*Os corpos que tinham sido atropelados ficaram no chão imóveis. Os polícias tentavam ajudar os pisados. Ao mesmo tempo que os ajudavam, pedras voavam em sua direção. Gritos misturavam-se com o cair dos pedregulhos. Entre os corpos no chão, estava Daniela. Ela que não estava mal, mas as pedras que os seus camaradas de luta atiravam deram-lhe uma sentença de morte. Um dos pedregulhos embateu sobre a cabeça da Daniela ferindo-a na nuca, que explodiu sangue. Mais pedras voavam e num piscar de olhos, Daniela, atordoada, estava a ser lapidada em plena praça pública, pelos seus camaradas.*

*Dias mais tarde, quando Gisela soube da notícia, nem queria acreditar no que se tinha passado na capital com a sua filha. Foi a partir desse dia que aquela mulher mudou. Nunca mais foi a mesma. Cuidou das suas duas netas que tinham: cinco anos, a Cláudia e oito anos, a Edna. Cuidou delas como se fossem as suas próprias filhas, já que o pai as abandonou.*

– Onde está o Mateus? – perguntou Luís a Edna. – Ele

saiu?

– Não... – respondeu – Ele está lá dentro... no quarto. Quer que o chame?

Luís consentiu. Ele queria continuar a conversa que estava a ter com o cunhado de Cláudia.

Edna foi chamar o seu esposo. Cláudia continuava debruçada sobre a sua avó. Prestava-lhe cuidados de ternura e companhia nas conversas, que a senhora Gisela costumava ter só com aquela neta. As duas pareciam cochichar sobre assuntos familiares. Luís não levava de bom grado esse tipo de conversas. Para ele, estar naquela sala, começava a ser um sacrifício.



Mais tarde, Mateus chegava à sala. Aproximou-se de Luís e questionou se seria boa altura para continuar a conversa. Ambos tinham uma cumplicidade. *Só espero que ele aceite as minhas ideias*, pensou Luís, matreiro, que tocava com a ponta dos dedos, uns sobre os outros. *Temos muita coisa que planear... principalmente quando chegarmos à nova terra que Pedro prometeu*. Os dois, Luís e Mateus, seguiram para o escritório.

O apartamento que Luís adquiriu na caravela era robusto. Tinha vários quartos. Ao todo eram seis. Dos seis, quatro tinham suíte. O apartamento também tinha uma sala de estar, uma ampla sala de jantar com uma arcada que a dividia em duas. A cozinha fazia ligação direta para a sala

de jantar e ao fundo do corredor estava uma pequena sala que servia de escritório para que o Luís pudesse estar mais à vontade a gerir os seus negócios.

Os dois entraram no escritório, lá as paredes estavam forradas com dizeres em papel brilhante. Uma mesa repousava a norte com dois assentos confortáveis. Eles sentaram-se, ficando de frente um para o outro. Sobre a mesa havia papeis, folhas e utensílios que pareciam terem sido utilizados há pouco tempo. Os móveis abraçavam algumas paredes tapando-lhes as frases. Estantes com livros enalteciam-se até ao teto e serviam apenas como bibelôs mórbidos sem qualquer utilidade.

Luís aconchegou-se no cadeirão. Pousou os cotovelos sobre a mesa e deixou o queixo cair sobre as palmas das mãos. Os dois trocaram olhares, apesar de não dizerem nada, Luís parecia impaciente com um assunto que o atormentava há algum tempo.

– Tenho um assunto importante para propor? – iniciou Luís, num suspense estranho que chamava a atenção de Mateus – Um assunto que já devíamos ter tratado há muito tempo e será muito importante para nós!

– Sobre o quê?

– Acho que temos um assunto a tratar quando chegarmos à nova terra... – continuou a divagar. – Antes de passarmos à ação, temos que atuar já na viagem. O assunto tem e não tem a ver com política. De certeza que à nossa volta, quando chegarmos à nova terra, teremos bastantes pretendentes ao poder...

– Eu nunca me liguei com a política. – Interrompeu Mateus. – Não consigo perceber...

– É muito simples. – explicou: – Não te quero pedir que estejas na política. Para isso estou cá eu! Já vivo da política há muitos anos para saber que pontos é que devem ser e os que não devem ser ligados. Eu sei que um dos melhores amigos da política para o tráfico de informação,

influências e também para conseguir tirar melhor partido da população é... – deteve-se em suspense. Luís queria poder estudar as expressões do outro. – No fundo, eu quero falar sobre aquilo de há pouco.

Mateus sorriu e pôs-se mais à vontade na cadeira. Cruzou a perna e encostou as costas para trás. Confortável, deixou-se cair escancarado no conforto do assunto. Esperou que Luís continuasse:

– O importante é conseguirmos arranjar ou criar uma federação. Quanto a isso vou contar contigo... – disse Luís – Já em Portugal, no Porto, tinhas muita influência. Eu sei que dentro do futebol tu consegues manipular as pessoas. No fundo fazias influência nos partidos políticos. Eu acredito que devemos jogar por aí.

– O futebol é apenas um desporto que entretém o povo..., mas, ao mesmo tempo, vai fazendo o verdadeiro negócio por trás. – Analisou Mateus, que estava esperançoso com a proposta de Luís, mas por outro lado sentia-se com diversas dúvidas – Mesmo assim, achas que vai ser assim tão simples?

– Nem espero que seja! – respondeu – O importante é conseguir criar uma federação e ser esta família a mandar nela. Tu já tens influência nesse meio. Tu sempre foste do desporto. Sempre trabalhaste no desporto. Acredito que o resto virá por acréscimo. No fundo, para além de ser uma religião, é um estado dentro do outro.

– Em relação aos locais de jogo, os estádios?

– Estou a pensar que podíamos basear-nos em Portugal, no século onde os estádios estavam dentro das cidades... – disse Luís – quem sabe... como será quando chegarmos à nova terra? De certeza que teremos muitos seguidores a quererem fazer equipas. Seremos nós a comandar toda a federação. – Luís esboçava satisfação sobre o assunto. – Ou melhor... seremos nós os fundadores da Liga Nacional de Federação do Novo Portugal.



*Em Portugal a Federação Portuguesa de Futebol foi obrigada a mudar os seus estádios. Após o incidente da sangrenta quarta-feira na partida: Benfica vs Porto, o governo foi obrigado a tomar mais uma decisão corrompida pelo dinheiro que chegava dos contribuintes.*

*Apesar de todo o cenário lastimoso, o sucedido não foi assim tão mau em comparação com o dia em que vieram os ingleses a Portugal defrontar o Sporting. E nem tão mau quando vieram os Russos, acabar com as asas da águia que naquele mau ano tendia a ser um pardal, como o leão tendia a ser um gato faminto caído nas ruas da amargura.*

*O Benfica vs Porto, da insólita quarta-feira foi uma desculpa para tudo o que se desencadeou antes daquele jogo acontecer.*

*Voltando um pouco atrás na história; num dia de frio, em pleno inverno e de chuva intensa que tentava limpar a suja Lisboa. Enquanto o céu fustigava, no solo, Lisboa recebia os animais no aeroporto. A trupe de ingleses surgia com cantares, quando a recente companhia aérea requisitada pelo estado, aterrava no aeroporto da Portela. Os hooligans chegavam às chegadas do aeroporto, com os seus adereços pessoais. Traziam apitos, cachecóis do respetivo clube e vinham acompanhados de álcool.*

*Antes de se dar início ao jogo, nos transportes públicos da capital Portuguesa, o metro abarrotava de bárbaros que cuspiam e bebiam como se não houvesse amanhã. Ninguém estava a salvo no metro, nos autocarros a coisa não variava. Viajar na capital era um perigo constante. No fundo, os britânicos é que eram os verdadeiros civilizados.*

*Partiram-se vidros e houve pessoas feridas. Os portugueses que se opunham à religião hooligan eram arrastados para um mar de sangue. Nem mesmo a polícia de choque os conseguia parar.*

*Naquele ano, choveu amargamente durante a noite, o que acabou por não ajudar na partida. O jogo foi o pior daquele século e a cidade, após o jogo, ficou devastada. Até aos dias que correm, muitos dos lisboetas tentam não tocar naquele assunto. Devido a tudo o que se passou, surgiram outras consequências meses mais*

*tarde, quando se sucedeu o encontro: Benfica vs Porto.*

*Montou-se a batalha campal em Lisboa, naquela quarta-feira de luta. Os benfiquistas mostravam-se fortes de frente da sua catedral, e os Portistas tentavam-se igualar aos primos animalescos: “Os Britânicos”. Uma coisa os Portistas tinham de admitir: os britânicos eram bons naquilo que faziam e ser-se civilizado à moda britânica não era para todas as sociedades.*

*Lisboa tornou-se numa batalha que no dia seguinte fez parar a Liga Portuguesa de Futebol daquele ano. Mais de três mil pessoas morreram indefesas. Em Lisboa caíram petardos e outros tipos de adereços que as claques tinham acesso.*

*O grandioso Estado Português decidiu deslocar os velhos estádios para longe das cidades. Os novos estádios foram construídos, e era lá onde os jogos deviam ser jogados. Longe das cidades, para que não houvessem mais problemas. Os adeptos de futebol eram cada vez mais violentos e traziam pensamentos psicopáticos, muito pouco civilizados.*

Bateram à porta do escritório do Luís.

Ao permitir a entrada do desconhecido, emergiu a face do empregado João por detrás da porta. O empregado parecia ter ficado constrangido. *Por que é que ele está a bater à porta...* Pensou Luís. *Ele de certeza pensava que eu estava sozinho.* João olhou para Mateus e depois para Luís. Acabou por entrar. De pés juntos e mãos dadas à frente da cintura questionou se o senhor Luís desejava que ele preparasse algo para a ceia. Luís sorriu e respirou de alívio.

– Pode ser... – respondeu questão. Estava claro que João não tinha ficado muito feliz, por ver Mateus dentro do escritório sozinho com o patrão. – Se puderes faz algo português... já estou com vontade de comer um *cozidinho*... – disse Luís, que depois olhou para Mateus e perguntou: – Também estás com vontade de um cozido?

– Há muito tempo que não como. – respondeu – É

verdade... , mas sendo sincero, a gordura do porco não é algo que me atrai. – Olhou para o empregado – João, faça então o tal cozido.

João ficou estupefacto encostado à umbreira da porta. Olhava para Luís Pimenta. Parecia esperar por algo. Mateus ao ver que o empregado estava estático achou estranho e não se conteve:

– Então, mas quer mais alguma coisa?

O empregado acordou do seu estado petrificado e pediu desculpas. Embaraçado abriu a porta e sem querer foi contra Edna, que naquele momento preparava-se para bater.

– Peço desculpa senhora... – disse João constrangido.

Edna olhou para o empregado de alto-a-baixo e acabou por entrar na sala sem pedir permissão. Aproximou-se do seu esposo, que estava sentado na cadeira e acabou por iniciar uma massagem nas suas costas. Mateus olhou para ela, idealizando a boa sensação que proviria da suposta massagem, que não chegou a acontecer. Viu que Edna estava a olhar para Luís. Naquele instante Edna questionou-o:

– Não consigo perceber por que é que trouxe um empregado para esta viagem.

Luís sorriu e respondeu:

– Foi a pedido de um amigo de longa data, que acabou por falecer...

– Eu já conheço essa história. – Interrompeu sisuda – Mesmo assim, não consigo perceber. Também não percebo como é que a minha irmã, com a inteligência que tem, consegue...

– Edna... – interrompeu o esposo – Não liguês ao que ela diz, por vezes ela fala sem pensar.

Tanto a família Santos como a família Franco, do lado de Mateus e Edna, tinham muito que agradecer à família Pimenta. Foi graças ao Luís que Cláudia conseguiu um

lugar cativo na caravela. Cláudia já não tinha onde cair morta, por causa dos novos partidos de Políticas Francesas e Inglesas terem surgido em Portugal. Luís, para além de começar a ser um grande amor para ela, era também a solução de todos os seus problemas. Todos aceitavam Luís como um bom salvador, exceto a avó Gisela e a irmã Edna, ambas desconfiavam das boas intenções do portuense.



Preparavam-se para comer, quando Cláudia, sorridente se aproximou de Luís para questioná-lo se podia dizer aquilo que ambos tinham falado antes de saírem do Porto. Luís pareceu ter ficado constrangido. Não estava à espera que ela quisesse ir com a ideia para a frente.

Gisela, rezingona pedia pela neta, que andava à volta Luís Pimenta. Edna aproximava-se da avó para lhe dar atenção, mas a velha não parecia estar virada para a neta mais velha.

– Eu quero a tua irmã!

– A irmã agora não pode! Sabe muito bem que ela quando está com o outro fica parva e só tem olhos para ele!

Gisela não ficou satisfeita com a resposta torta.

– Oiçam todos... – pediu Cláudia, que ao mesmo tempo batia palmas para que todos lhe prestassem atenção. – Tenho algo para vos dizer.

Olhavam sérios para a amável Cláudia, que retomou:

– Eu e o Luís estamos a pensar em casar. . .

Rapidamente Gisela começou a tossir como se tivesse algo preso na garganta. Edna debruçou-se sobre a avó, enquanto esta tossia. A sua tosse, cada vez era mais forte, parecia estrangula-la deixando-a sem respiração. Sem se controlar, a velha começava a ter uma cor arroxeadada sobre as maçãs do rosto. Os olhos embebidos em lágrimas suspensas, que tendiam em saltar.

Cláudia aproximou-se da avó para ver como estava. Gisela não conseguia falar. Mal respondia a Edna, quanto mais a Cláudia, que com a sua amabilidade dava-lhe leves pancadas nas costas para que o ar pudesse circular facilmente.

– Avó, você está bem?! – questionou Cláudia, que não sabia o que fazer – Chamem o João!

Por mais que Luís gritasse pelo seu empregado, este não vinha. Pôs-se a caminho até à cozinha para ver onde ele estava. Rapidamente viu-o de volta do fogão. Estava de volta de uma panela, numa posição estranha. Luís desconfiou. Cauteloso, aproximou-se do empregado para saber o que se estava a passar.

João olhou-lhe por cima do ombro e disse:

– Não te aproximes! Eu ouvi tudo!

– Oh João!

– Eu percebo. . . desde o tempo de escola que me pedias para aproximar-me do António, que apesar de ser mais velho sempre foi mais amável que tu. – disse João, que parecia recordar o passado nunca esquecido – Porque é que prometeste aquilo?

– João. . .

– Não é João! – interrompeu – Vou lá dentro e conto tudo a todos! Ou melhor, há algo que te dei e que te deu passagem para tudo isto. . . posso-te tirar tudo!

– Não faças isso. – Pediu Luís – Eu sei o que estou a fazer. – disse ao mesmo tempo que pensava: *Já não bastava*

*ter-me aliado a este para conseguir matar o António e agora tenbo que o matar com as minhas próprias mãos. Tenbo que ser paciente, tenbo que dar o que ele quer. No fundo estou nas suas mãos. Por mais que me custe, por mais nojo que me meta... tenbo que ser igual a ele e tenbo que o retribuir.* – Não fiques assim – aproximou-se de João e afagou-lhe o rosto enquanto pensava: *espera pelo dia em que tiveres na minha mão, agora estou eu nas tuas, mas amanhã... quem sabe!* Acabou por lhe dar um beijo rápido e seco – Eu prometo que te compenso, agora leva a água à velha!

João recompôs-se e preparou um jarro com água, um copo e um pacote de açúcar. Levou-o para a senhora Gisela, que na sala, já estava um pouco mais calma.